

Mais Inglês MT e a Experiência de Estudantes: Tensões entre Inovação, Representatividade e Performatividade

Mais Inglês MT and Students' Experiences: Tensions between Innovation, Representativeness and Performativity

Jose Isavam Oliveira Silva¹
Danie Marcelo de Jesus²

Resumo

Nas últimas décadas, a incorporação de plataformas digitais às políticas públicas de educação tem reconfigurado os modos de ensinar e aprender, intensificando-se no contexto pós-pandemia. Mais do que ferramentas pedagógicas, essas tecnologias funcionam como infraestruturas de mediação, governança e produção de sentidos, impactando o currículo, o trabalho docente e a subjetividade discente. Este estudo, uma pesquisa piloto com 10 (dez) estudantes, analisou a plataformização do ensino de língua inglesa em Mato Grosso por meio do Programa *Mais Inglês MT*, que utiliza a plataforma digital desenvolvida pela *EF Education First* no Ensino Médio da rede estadual. O objetivo foi compreender como jovens estudantes narram suas experiências com a plataforma, problematizando as tensões entre a promessa de inovação e inclusão e os efeitos concretos da mediação algorítmica no cotidiano escolar. Os dados foram coletados por meio de Entrevistas Narrativas (EN) e analisados pela articulação entre análise narrativa e Análise Crítica do Discurso. Os resultados indicam experiências marcadas por estranhamento, insegurança, pressão por desempenho e baixa identificação cultural, evidenciando limites relacionados à representatividade, à hierarquização de sotaques e ao apagamento de repertórios culturais locais. Conclui-se que a plataformização do ensino de inglês, quando desvinculada das condições materiais, sociais e culturais dos sujeitos, tende a reforçar desigualdades simbólicas e pedagógicas, destacando a necessidade de políticas de formação crítica, equidade digital e governança democrática das tecnologias educacionais.

Palavras-chave: Plataformização; Educação Digital; Ensino de Inglês; Políticas Públicas.

Abstract

In recent decades, the incorporation of digital platforms into public education policies has reshaped the ways of teaching and learning, intensifying in the post-pandemic context. More than pedagogical tools, these technologies function as infrastructures of mediation, governance, and meaning-making, impacting curriculum design, teachers' work, and students' subjectivities. This pilot study, conducted with ten students, examined the platformization of English language teaching in the state of Mato Grosso through the Programa *Mais Inglês MT*, which adopts a digital platform developed by EF Education First for upper secondary education in the state public school system. The study aimed to understand how young students narrate their experiences with the platform, critically examining the tensions between the promise of innovation and inclusion and the concrete effects of algorithmic mediation in everyday school life. Data were collected through narrative interviews and analyzed using a combination of narrative analysis and Critical Discourse Analysis. The findings reveal experiences marked by estrangement, insecurity, performance pressure, and low cultural identification, highlighting limitations related to representativeness, accent hierarchies, and the erasure of local cultural repertoires. The study concludes that the platformization of English teaching, when disconnected from students' material, social, and cultural conditions, tends to reinforce symbolic and pedagogical inequalities, underscoring the need for critical teacher education policies, digital equity, and democratic governance of educational technologies.

Keywords: Platformization; Digital Education; English Language Teaching; Public Policy.

¹ Mestre em Letras pelo PPGLetras/Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat - Sinop - Mato Grosso, Brasil, 2024). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2026-7129/> E-mail: jose.silva31@sou.ufmt.br.

² Doutor em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - São Paulo, Brasil, 2007). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6547-5037/> E-mail: danie.jesus@ufmt.br.

1 Introdução

Nas últimas décadas, a incorporação de tecnologias digitais às políticas públicas de educação tem sido apresentada como resposta estratégica aos desafios históricos da escola pública, no que se refere ao acesso, à qualidade do ensino e à atualização das práticas pedagógicas. Esse movimento intensificou-se de forma expressiva a partir da pandemia de *Covid-19*, quando plataformas digitais passaram a ocupar lugar central na organização do ensino, redefinindo tempos, espaços e modos de ensinar e aprender. Mais do que a simples adoção de ferramentas, esse processo evidencia uma transformação estrutural do campo educacional, com implicações pedagógicas, políticas, culturais e subjetivas.

Nesse cenário, a noção de plataformização da educação permite compreender a centralidade crescente das plataformas digitais como infraestruturas que mediam interações, organizam fluxos de informação, estabelecem métricas de desempenho e influenciam práticas escolares. As plataformas estruturam formas de participação, regulam ritmos de aprendizagem e redefinem critérios de sucesso. Assim, seu impacto ultrapassa o plano técnico e alcança o currículo, o trabalho docente, a experiência discente e a própria função social da escola.

No Brasil, a adoção de plataformas educacionais tem avançado por meio de parcerias entre redes públicas de ensino e empresas privadas de tecnologia. Esse processo ocorre em um contexto marcado por desigualdades digitais e por pressões por eficiência e resultados, o que contribui para que tais soluções sejam apresentadas como inovadoras e neutras. Contudo, sua implementação envolve escolhas pedagógicas, modelos de gestão e concepções de aprendizagem que nem sempre dialogam com as realidades locais.

É nesse contexto que se insere o Programa *Mais Inglês* MT, política pública implementada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso com o objetivo de ampliar o ensino de língua inglesa no Ensino Médio por meio da adoção de uma plataforma digital desenvolvida pela empresa *EF Education First*. O programa propõe um modelo de ensino mediado por trilhas digitais, acompanhamento automatizado e metas de desempenho, configurando um exemplo expressivo da inserção de plataformas digitais na política educacional estadual.

Apesar da expansão dessas iniciativas, ainda são limitadas as pesquisas que investigam como os próprios estudantes vivenciam essas plataformas no cotidiano escolar e que sentidos atribuem a essa experiência. Ao considerar essa lacuna, o presente artigo teve como objetivo analisar a plataformização do ensino de inglês em Mato Grosso a partir das narrativas de jovens do Ensino Médio

usuários da Plataforma *Mais Inglês*, problematizando as tensões entre a promessa de inovação e inclusão e os efeitos concretos da mediação tecnológica na experiência educacional.

Portanto, trata-se de uma pesquisa piloto de natureza qualitativa, orientada por uma perspectiva crítico-interpretativista e fundamentada em Entrevistas Narrativas (EN) com estudantes. Ao dar centralidade à voz discente, o estudo desloca o foco da tecnologia como ferramenta para compreendê-la como dispositivo sociotécnico atravessado por relações de poder, dinâmicas de representação e processos de subjetivação.

O artigo organizou-se da seguinte forma: primeiro, discute-se o conceito de plataformização da educação e suas implicações no contexto brasileiro; em seguida, apresenta-se o contexto de implementação do Programa *Mais Inglês* MT; depois, descrevem-se os procedimentos metodológicos; por fim, analisam-se as narrativas dos participantes, evidenciando experiências de estranhamento, pressão por desempenho, exclusão simbólica e desafios à inclusão. O texto conclui apontando limites, contribuições e implicações para o debate sobre tecnologias educacionais e justiça social na escola pública.

2. Plataformização da Educação em Mato Grosso: O Caso da Plataforma *Mais Inglês*

2.1 Plataforma *Mais Inglês* como dispositivo técnico-pedagógico

O fenômeno da plataformização da educação configura-se como uma transformação estrutural das dinâmicas contemporâneas de ensino e aprendizagem. Intensificado durante a pandemia de *Covid-19*, esse processo ampliou a incorporação de tecnologias digitais ao cotidiano escolar, tornando as plataformas elementos centrais na organização das práticas pedagógicas, na comunicação entre professores e estudantes e na gestão dos processos educativos. Embora tenham contribuído para ampliar o acesso, a flexibilidade e a conectividade, essas tecnologias evidenciaram tensões relacionadas à formação docente, à dependência tecnológica e à crescente influência de racionalidades orientadas pela mensuração e pelo controle.

Nesse contexto, Laval (2019) argumenta que a escola contemporânea vem sendo atravessada por uma lógica empresarial que privilegia resultados, desempenho e produtividade. Para o autor, a educação não deve ser reduzida aos princípios do mercado, sob pena de comprometer sua função formativa, crítica e emancipatória. Essa reflexão torna-se relevante quando observamos o avanço das plataformas digitais no campo educacional, uma vez que elas operam como infraestruturas capazes de

organizar fluxos de informação, monitorar comportamentos e redefinir práticas de ensino e aprendizagem.

Sob essa perspectiva, a plataformização pode ser compreendida como um processo em que plataformas digitais passam a mediar atividades sociais, culturais e educacionais, estruturando formas de interação e produção de conhecimento. Conforme destacam Jurno e d'Andréa (2022), essas plataformas atuam como mediadores invisíveis, condicionando modos de ver, produzir e circular informações. De maneira complementar, d'Andréa (2020) ressalta que esses ambientes configuram novos regimes de visibilidade, vigilância e performatividade.

A expansão dessas tecnologias está associada ao processo de dataficação da vida social (Lemos, 2021), no qual ações humanas são convertidas em dados passíveis de monitoramento, análise e predição. No campo educacional, isso significa transformar trajetórias de aprendizagem em indicadores quantificáveis, possibilitando o acompanhamento contínuo do desempenho de estudantes e professores. Williamson (2021) argumenta que essa dinâmica favorece a emergência de formas de governança algorítmica, caracterizadas pela delegação de decisões e avaliações a sistemas automatizados capazes de orientar práticas pedagógicas e institucionais.

No Brasil, Alves e Lopes (2024) observam que a expansão da educação mediada por plataformas está relacionada à crescente participação de grandes empresas de tecnologia na oferta de serviços educacionais. Muitas dessas iniciativas são apresentadas como soluções inovadoras para os desafios da educação pública, mas acabam fortalecendo relações de dependência tecnológica e ampliando a circulação de dados educacionais em ambientes corporativos. Pretto (2020) denomina esse fenômeno de colonialismo tecnológico, destacando a subordinação progressiva das instituições públicas às infraestruturas digitais controladas por grandes corporações.

É nesse cenário que se insere a Plataforma *Mais Inglês*, principal eixo estruturante da política de ensino de línguas do Governo de Mato Grosso. Vinculada ao Programa *Mais Inglês* MT e desenvolvida em parceria com a empresa *EF Education First*, a plataforma foi concebida para promover o ensino de inglês no Ensino Médio por meio da integração entre atividades presenciais e recursos digitais (Taborelli; Oliveira, 2023). Organizada em níveis de proficiência alinhados ao *Common European Framework of Reference for Languages* (CEFR), a plataforma disponibiliza vídeos, áudios, exercícios interativos, aulas ao vivo e trilhas personalizadas de aprendizagem.

Contudo, a *Mais Inglês* ultrapassa a função de ambiente virtual de ensino. Trata-se de um sistema de gestão da aprendizagem que registra, acompanha e mensura as ações dos usuários. Cada atividade realizada pelos estudantes gera informações que alimentam mecanismos de monitoramento e

avaliação do desempenho. Como observam Dias, Souza e Souza (2022), esse modelo produz uma cultura de acompanhamento permanente, na qual o progresso é convertido em dados pedagógicos. Essa dinâmica aproxima-se do que Williamson (2021) define como governança algorítmica e do que d'Andréa (2020) identifica como novos regimes de controle mediados por plataformas digitais.

Segundo Taborelli e Oliveira (2023), a plataforma estabelece parâmetros de engajamento e desempenho que orientam estudantes e professores. Nesse contexto, o docente deixa de ocupar a posição de mediador pedagógico e passa a desempenhar funções relacionadas ao acompanhamento de indicadores e ao monitoramento do progresso digital dos estudantes. Essa reorganização do trabalho docente reflete tendências globais de educação orientada por dados e evidencia a influência crescente de modelos gerenciais sobre as práticas escolares.

Além disso, o programa incorpora mecanismos de certificação, premiação e reconhecimento para estudantes e professores com melhor desempenho. Ball (2012) argumenta que essas estratégias contribuem para a constituição de culturas de performatividade, baseadas na comparação constante entre indivíduos e instituições. Dessa forma, o processo educativo tende a ser reorganizado em torno de métricas, *rankings* e indicadores, aproximando-se de lógicas típicas do mercado.

A parceria entre a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso e a *EF Education First* ilustra o avanço da presença de agentes privados na formulação e implementação de políticas educacionais. Conforme aponta Vago (2022), esse movimento expressa uma pedagogia empresarial da eficiência, caracterizada pela incorporação de racionalidades gerenciais ao interior da escola pública. Para Taborelli e Oliveira (2023), a presença de uma empresa global de educação na condução de uma política pública de ensino de línguas introduz elementos de internacionalização e padronização que dialogam com discursos neoliberais de qualidade, inovação e competitividade.

Nesse sentido, a Plataforma *Mais Inglês* pode ser compreendida como uma expressão concreta da plataforma da educação. Embora amplie as oportunidades de acesso ao ensino de inglês, sua implementação integra a educação pública a um ecossistema global de dados, algoritmos e serviços digitais. Como destacam Jurno e d'Andréa (2022), as plataformas operam como infraestruturas que moldam práticas e significados, homogeneizando experiências sob a aparência da personalização.

Entretanto, compreender a plataforma apenas como um processo de controle seria uma leitura reducionista. Alves e Lopes (2024) ressaltam que as plataformas são artefatos socioculturais atravessados por disputas políticas, econômicas e pedagógicas. Dessa forma, Santos (2021) defende que a tecnologia deve ser concebida como mediação e não como substituição da ação docente,

ênfatizando a necessidade de preservar a dimensão humana e dialógica da educação. Nessa direção, Maciel e Beppu (2024) argumentam que a formação crítica de professores constitui condição para que as tecnologias digitais sejam apropriadas como espaços de criação, colaboração e produção de conhecimento.

Dessa forma, a experiência da Plataforma *Mais Inglês* revela o caráter ambivalente da plataformização educacional. Se, por um lado, as plataformas ampliam possibilidades de acesso, interação e inovação pedagógica, por outro, introduzem mecanismos de monitoramento, padronização e dependência tecnológica que reconfiguram as relações entre Estado, mercado e escola. O caso mato-grossense evidencia que a incorporação de tecnologias digitais à educação pública constitui um campo de disputas em torno da produção de conhecimento, da autonomia docente e dos sentidos atribuídos à formação escolar na cultura digital contemporânea.

2.2 Comercialização e governança de dados

A crescente presença de empresas privadas na formulação e execução de políticas educacionais públicas introduz novas disputas éticas, políticas e epistemológicas sobre quem controla o conhecimento e os dados produzidos na escola. No caso do Programa *Mais Inglês* MT, a parceria com a *EF Education First* expressa um modelo contemporâneo de privatização da gestão educacional mediada por tecnologia. Esse processo envolve a transferência do controle informacional e decisório para agentes privados, fenômeno que se intensifica na chamada economia dos dados educacionais.

Essa dinâmica encontra paralelo direto no caso paranaense analisado por Sczip (2024), ao demonstrar que a privatização da educação pública “não significa apenas uma ‘transferência da gestão’ pública para o setor privado”, pois possui um caráter ideológico, no qual “a mercantilização dos direitos sociais é apresentada como única solução possível”. Essa lógica é reproduzida nas políticas de plataformização educacional, nas quais o acesso ao ensino passa a ser mediado por sistemas proprietários, contratos empresariais e métricas de desempenho definidas à comunidade escolar.

Segundo Taborelli e Oliveira (2023, p. 5), “a coleta e o tratamento de dados dos estudantes configuram um novo campo de disputa sobre quem detém o poder informacional na educação pública”. Essa disputa se manifesta, conforme evidencia o artigo do SINTEAL, na crescente submissão das redes públicas à lógica privada, marcada por contratos milionários, como aqueles destinados à contratação de plataformas digitais e soluções tecnológicas que, no Paraná, ultrapassam a cifra de R\$ 100 milhões.

Esses recursos, como destaca Sczip (2024), poderiam ser investidos “na melhoria das condições de trabalho e na valorização dos trabalhadores em educação”, mas são redirecionados para empresas que passam a extrair valor econômico dos dados e das práticas escolares.

Esse processo de comercialização dos dados educacionais se articula ao que Dias, Souza e Souza (2022, p. 9) definem como “deslocamento da soberania pedagógica para lógicas de mercado”. No Paraná, a imposição de plataformas digitais de aprendizagem, associada a políticas de metas, bonificação e responsabilização docente, intensifica o controle do trabalho pedagógico e subordina a ação docente à produção contínua de dados, estatísticas e indicadores. Como aponta o artigo, os professores são pressionados por “metas diárias, mensais e trimestrais”, sob ameaça e assédio institucional, o que resulta na intensificação do adoecimento docente (Sczip, 2024).

Essa realidade confirma a análise de d’Andréa (2022, p. 63), para quem “as plataformas funcionam como infraestruturas de extração de valor simbólico e econômico”, convertendo interações pedagógicas em dados monetizáveis. Na prática, docentes e estudantes tornam-se fornecedores involuntários de dados para as indústrias de tecnologia da informação e comunicação, “pagando com a própria saúde” os custos desse modelo, como explicitado no caso paranaense (Sczip, 2024).

Além disso, a governança algorítmica associada à platformização redefine os critérios de qualidade educacional, deslocando-os do campo pedagógico para o campo da eficiência gerencial e da produtividade. Conforme argumenta Laval (2019, p. 74), o neoliberalismo educacional “transforma o aluno em capital humano e o conhecimento em mercadoria”, racionalidade que se materializa tanto na privatização das escolas quanto na imposição de plataformas digitais como solução universal para problemas estruturais da educação pública.

Em Mato Grosso, assim como no Paraná, o discurso da modernização tecnológica e da eficiência administrativa opera como justificativa para a ampliação da vigilância, do controle e da extração de dados, ao mesmo tempo em que invisibiliza desigualdades sociais, territoriais e digitais. Como alertam Dias, Souza e Souza (2022, p. 8), “ao mesmo tempo em que a platformização promete ampliar o acesso, ela reproduz as desigualdades quando ignora o contexto socioeconômico e o letramento digital dos sujeitos envolvidos”. Trata-se, portanto, de uma governança política, que define quem é incluído, quem é monitorado e quem permanece excluído dos processos decisórios.

Nesse contexto, a comercialização dos dados educacionais não pode ser compreendida como um efeito colateral neutro da inovação tecnológica, mas como parte constitutiva de um projeto de subordinação da educação pública à lógica do lucro. Como sintetiza Sczip (2024), “os problemas que vivenciamos nas escolas públicas estão relacionados à lógica privada que tem logrado submeter a

educação aos interesses do lucro”. Essa lógica converte o direito à educação em mercadoria e redefine o papel do Estado como garantidor da acumulação capitalista, e não da formação humana.

Diante desse cenário, o desafio da governança de dados educacionais é, antes de tudo, político e pedagógico. Conforme destacam Taborelli e Oliveira (2023, p. 6), “o desafio é construir uma cultura digital que valorize a voz dos sujeitos e não apenas os dados que eles produzem”, que implica disputar o sentido da tecnologia na educação, fortalecer políticas públicas de soberania digital e recuperar o caráter democrático da escola, compreendida não como plataforma de extração de dados, mas como espaço de formação crítica, diálogo e emancipação.

Por fim, em consonância com Freire (1996), a democratização da educação digital exige a democratização do poder sobre os dados, das condições de participação e das decisões pedagógicas. As lutas coletivas narradas no artigo do SINTEAL, greves, ocupações, articulações entre movimentos sociais, sindicatos e comunidades escolares, evidenciam que a resistência à platformização e à privatização da educação é uma luta pela reapropriação política da escola pública e de seus sentidos formativos.

3 Materiais e Métodos

O presente estudo configura-se como uma pesquisa piloto de natureza qualitativa, com caráter exploratório e interpretativo, cujo objetivo foi compreender, de forma preliminar, como jovens do Ensino Médio narram suas experiências com a Plataforma *Mais Inglês*, no que diz respeito ao uso, engajamento, pertencimento e representatividade. Enquanto investigação inicial, o estudo não teve como finalidade a generalização estatística dos resultados, mas sim testar procedimentos metodológicos, avaliar a adequação dos instrumentos de geração de dados e identificar categorias analíticas iniciais que possam subsidiar pesquisas futuras mais amplas.

A opção pela abordagem qualitativa fundamenta-se na compreensão de que as experiências educacionais mediadas por tecnologias digitais são atravessadas por dimensões subjetivas, sociais, culturais e institucionais. Nessa perspectiva, a pesquisa buscou interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências, conforme os pressupostos da pesquisa qualitativa (Flick, 2022). As narrativas dos estudantes foram compreendidas como práticas discursivas situadas, nas quais se articulam experiências individuais, políticas educacionais e relações de poder, assumindo-se uma perspectiva crítico-interpretativista que reconhece o papel ativo do pesquisador na construção dos sentidos (Flick, 2009).

Do ponto de vista metodológico, o estudo insere-se no campo da pesquisa narrativa, entendida como forma privilegiada de acesso à experiência humana (Clandinin; Connelly, 2000; 2013), bem como como estratégia de compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências (Paiva, 2008). As narrativas juvenis permitiram apreender como a plataforma é vivenciada no cotidiano escolar, evidenciando sentimentos, avaliações, expectativas e tensões associadas ao uso de tecnologias educacionais.

Os dados foram produzidos por meio de Entrevistas Narrativas (EN), fundamentadas nos pressupostos metodológicos de Jovchelovitch e Bauer (2002) e Schütze (2010). A técnica privilegia a livre narração das experiências dos participantes a partir de uma pergunta gerativa, permite que os significados atribuídos às vivências emergjam de forma espontânea. As contribuições de Ravagnoli (2018) e Costa (2024) reforçam o potencial da EN como dispositivo de escuta qualificada em pesquisas com juventudes.

Participaram da pesquisa 10 (dez) jovens do Ensino Médio usuários da Plataforma *Mais Inglês*. O roteiro foi organizado em torno de uma pergunta gerativa central: “Para começar, me conta como tem sido sua experiência com a plataforma desde o primeiro contato”, complementada por questões de aprofundamento relacionadas à experiência de uso da plataforma, representatividade, gênero, raça e inclusão. Durante as entrevistas, perguntas imanentes foram utilizadas para explorar aspectos emergentes das narrativas, respeitando a lógica de livre expressão dos participantes.

Buscou-se construir um ambiente de escuta acolhedor e flexível, evitando o direcionamento das respostas e favorecendo a produção de narrativas autogeradas sobre as experiências dos jovens com a Plataforma *Mais Inglês*.

Essa postura metodológica dialoga com os pressupostos da Linguística Aplicada, conforme discute Ravagnoli (2018), ao privilegiar instrumentos capazes de captar a realidade como é significada pelos participantes, em contextos educacionais atravessados por políticas públicas, tecnologias digitais e relações de poder. O participante é compreendido como sujeito social dotado de agência, capaz de negociar, confrontar ou ressignificar paradigmas em circulação.

A pesquisa piloto contou com a participação de 10 (dez) jovens, todos maiores de 18 anos, matriculados no Ensino Médio no município de Juara (MT) e usuários da Plataforma *Mais Inglês* por um período mínimo de três meses. A seleção ocorreu por amostragem intencional, buscando contemplar diversidade de gênero, raça, escola de origem e localidade, de modo a abarcar distintas posições sociais, trajetórias educacionais e percepções sobre o uso da plataforma. A organização das entrevistas encontra-se apresentada no Quadro 1 – Organização das Entrevistas Narrativas (EN).

Quadro 1 – Organização das Entrevistas Narrativas (EN)

Grupo	Participantes	Data (setembro/2025)	Período
1	Sara, Nathan e Sérgio	10/09/2025	Vespertino
2	Ana, Eduarda, Isabela, Diego e Gustavo	17/09/2025	Vespertino
3	Laura e Pedro	24/09/2025	Vespertino

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Os dados apresentados no Quadro 1 foram organizados com base nas Entrevistas Narrativas (EN) realizadas com os participantes da pesquisa. Ao considerar o caráter sensível das informações coletadas, bem como a necessidade de preservação da identidade dos sujeitos envolvidos, optou-se pela anonimização dos dados, substituindo os nomes reais por nomes fictícios. Essa medida foi adotada para garantir o sigilo e o respeito ético aos participantes, conforme previsto na metodologia da pesquisa qualitativa.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: ter 18 anos ou mais; possuir experiência real e recente com a Plataforma *Mais Inglês*; ter utilizado a plataforma no contexto escolar e/ou em atividades extraclasse; e concordar com os termos éticos da pesquisa, mediante assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido (CLE).

As entrevistas foram transcritas com o apoio da ferramenta digital *TurboScribe*, utilizada como recurso inicial de transcrição automática. Todas as transcrições foram revisadas, a fim de assegurar fidelidade às falas, preservar marcas de oralidade e corrigir eventuais falhas do reconhecimento automático. Os áudios e transcrições foram armazenados em ambiente digital seguro, com acesso restrito, garantindo a confidencialidade das informações.

4 – Resultados e Discussões

As análises apresentadas neste capítulo resultam de um processo interpretativo que articulou a análise narrativa das entrevistas com aportes da Análise Crítica do Discurso (ACD), o modelo de representação de atores sociais proposto por van Leeuwen (1996; 2008).

Partiu-se do entendimento de que as narrativas produzidas pelos jovens se configuram como como práticas discursivas situadas, nas quais se entrecruzam trajetórias pessoais, políticas educacionais, tecnologias digitais e relações de poder.

Primeiro, realizou-se uma leitura holística das Entrevistas Narrativas (EN), conforme Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998), com o objetivo de apreender o sentido global das experiências relatadas e identificar recorrências, tensões, silenciamentos e deslocamentos discursivos.

Esse movimento analítico permitiu compreender como os participantes organizam suas vivências com a Plataforma *Mais Inglês* MT, quais eventos são destacados como expressivos e quais afetos, como frustração, insegurança, estranhamento e desmotivação, atravessam os relatos. A partir desse percurso, os resultados foram organizados em 4 (quatro) eixos analíticos, apresentados a seguir.

4.1 Plataformização e experiência de estranhamento

As narrativas estudantis que descrevem a Plataforma *Mais Inglês* MT como um “lugar que não foi feito para mim” constituem evidência empírica do que Jurno e d’Andréa (2022) conceitua como plataformas enquanto infraestruturas seletivas. Trata-se de ambientes sociotécnicos que, longe de qualquer neutralidade, estabelecem condições específicas de acesso, participação e reconhecimento, define quem é o usuário legítimo, quais competências são pressupostas e quais repertórios linguísticos e culturais são considerados normativos no interior do sistema.

No caso da Plataforma *Mais Inglês* MT, esses pressupostos manifestam-se desde o primeiro contato do estudante com o ambiente digital. O início automático em língua inglesa, a ausência de mediações explicativas e a organização pouco intuitiva da interface produziram sentimento de insegurança e inadequação, sobretudo entre aqueles cujas trajetórias escolares são marcadas por desigualdades de acesso às tecnologias digitais.

Como relatou Sara, a plataforma “já começa em inglês, sem explicar nada”, reforçou a percepção de que o ambiente não foi concebido para estudantes que necessitam de maior mediação pedagógica. Sérgio afirmou que “nem sempre entende os comandos básicos” e que precisa “adivinhar o que fazer”, enquanto Laura descreveu a interface como “confusa e fria”, destacou que a baixa perceptibilidade visual compromete sua autonomia e intensifica o sentimento de deslocamento.

Esses relatos corroboram as análises de Dias, Souza e Souza (2024), segundo as quais o letramento digital exigido pelas plataformas tende a ser tomado como pré-requisito, e não como objeto de ensino. Em consonância com Barton e Lee (2013), compreende-se o letramento digital como prática social situada e distribuída de forma desigual. Ao ignorar essa dimensão, a plataforma transforma desigualdades estruturais de acesso, familiaridade tecnológica e capital cultural em dificuldades individuais, aciona mecanismos de reprodução simbólica semelhantes aos descritos por Bourdieu (1998).

O estranhamento relatado evidencia que a plataformização atua de modo articulado em dois planos. No plano técnico-pedagógico, manifesta-se pela padronização da interface, pela rigidez na

organização das tarefas e pela exigência de constantes ajustes por parte do usuário. No plano simbólico-subjetivo, produz sentimentos de não pertencimento, insegurança e culpabilização, uma vez que o estudante é confrontado com um ambiente que não reconhece seus ritmos, saberes prévios e modos de aprender. Tal dinâmica confirma a compreensão de Alves e Lopes (2024) de que as plataformas educacionais operam como dispositivos de governo da aprendizagem, modulando comportamentos, expectativas e formas de subjetivação.

4.2 Violência algorítmica, hierarquização linguística e apagamento cultural

As dificuldades recorrentes relatadas nas atividades de *listening* e pronúncia permitem interpretar a Plataforma *Mais Inglês* MT como um dispositivo de normalização linguística, no qual apenas determinadas formas de falar inglês são reconhecidas como legítimas.

Isabela relatou que o sistema de reconhecimento de voz “quase nunca aceita sua pronúncia”, enquanto Diego afirmou precisar repetir várias vezes a mesma atividade porque “o sistema não reconhece o que ele fala”.

Esses relatos evidenciam o que pode ser compreendido como violência algorítmica, isto é, os efeitos simbólicos e pedagógicos produzidos por sistemas automatizados que reproduzem hierarquias sociais e culturais sob a aparência de neutralidade (d’Andréa, 2020; Silveira, 2020).

O algoritmo operou a partir de um modelo normativo de pronúncia alinhado ao inglês anglo-americano, transformou variações fonéticas, sotaques brasileiros e trajetórias locais de aprendizagem em erro ou inadequação técnica.

À luz de Bourdieu (1998), esse funcionamento pode ser compreendido como a constituição de um mercado linguístico digital, no qual determinadas formas de fala acumulam maior valor simbólico, enquanto outras são deslegitimadas. Tal lógica desconsidera o inglês como língua pluricêntrica e situada, reforçando uma epistemologia linguística colonial (Santos, 2007; Santos e Donatti, 2024).

Esse processo articula-se ainda ao apagamento cultural presente no currículo digital da plataforma. A ausência de cenários, profissões e práticas socioculturais próximas à realidade dos estudantes evidencia uma padronização cultural global, característica de currículos digitais produzidos em contextos hegemônicos.

Conforme argumentam Ball (2012) e Pretto (2020), tais currículos funcionam como tecnologias de regulação que selecionam e hierarquizam modos de vida, contribuindo para a exclusão epistemológica de saberes e experiências locais.

4.3 Representações, engajamento e inclusão como princípio político-pedagógico

As narrativas discentes evidenciaram que a Plataforma *Mais Inglês* MT opera como um regime de representação seletivo, no qual determinados corpos, identidades e estilos de vida são privilegiados. A predominância de personagens brancos, jovens, heteronormativos e associados a contextos urbanos idealizados foi percebida pelos estudantes como distante de suas realidades sociais, territoriais e culturais. Como sintetizou Sara (23 set. 2025), *“parece que o inglês da plataforma é para um tipo de pessoa que não vive como a gente vive aqui”*. Essa percepção foi compartilhada por estudantes de diferentes grupos, aqueles oriundos da zona rural e da comunidade local.

Essas experiências dialogam com as reflexões de Fanon (2008) e Hooks (1992; 2019), segundo as quais a ausência de representatividade racial, cultural e de gênero nos materiais educativos afeta o sentimento de pertencimento e a constituição da subjetividade. No material analisado, estudantes que se identificam como pretos, pardos e pertencentes a grupos marginalizados relataram sentir-se apenas representados. Laura (2 out. 2025) afirmou que *“a gente quase não se vê ali, parece que o inglês não foi feito pensando em pessoas como nós”*, indicou como a invisibilidade simbólica impacta o vínculo com a aprendizagem.

No que se refere ao engajamento, as entrevistas revelaram que os mecanismos de gamificação da plataforma, pontuações, rankings e recompensas, não foram suficientes para produzir envolvimento genuíno. A maioria dos estudantes relatou utilizar a Plataforma *Mais Inglês* por obrigação institucional. Diego (30 set. 2025) destacou que *“a gente entra porque é cobrado, não porque dá vontade”*, enquanto Gustavo (30 set. 2025) completou que *“vira mais uma tarefa do que um aprendizado de verdade”*. Essas falas evidenciam os limites da gamificação quando orientada por métricas de desempenho e controle, conforme problematizado por Ball (2012) e Laval (2019).

A aprendizagem, nesse contexto, tende a ser reduzida ao cumprimento de atividades padronizadas, esvaziando a dimensão afetiva, relacional e cultural do ensino de línguas. Ana (30 set. 2025) observou que *“não tem muito espaço para a gente falar da nossa vida, do nosso jeito de aprender”*, apontando para a ausência de diálogo entre os conteúdos da plataforma e as experiências concretas dos estudantes. Essa desconexão contribui para a percepção de que a tecnologia, embora apresentada como inovação pedagógica, opera como instrumento de padronização e vigilância do percurso formativo.

As entrevistas revelaram percepções ambíguas sobre inclusão. Embora parte dos estudantes tenha afirmado sentir-se incluída no ambiente escolar de modo geral, essa sensação não se estendeu ao uso da plataforma digital. Estudantes que se identificam como bissexuais ou homossexuais relataram experiências de silenciamento e falta de representatividade. Isabela (30 set. 2025) mencionou que *“não vejo pessoas como eu nos exemplos, isso faz a gente se sentir meio apagado”*. Essas narrativas reforçam que a inclusão pode ser compreendida apenas como acesso técnico à plataforma, de reconhecimento simbólico e político das diferenças.

Ao dar centralidade à voz discente, esta análise evidencia que a inclusão, no contexto da cultura digital, deve ser compreendida como princípio político-pedagógico, e não como atributo técnico das plataformas. Conforme argumenta Jurno e d’Andréa (2022), as plataformas organizam regimes de visibilidade e pertencimento seletivos, que incidem sobre a constituição identitária dos sujeitos. No caso analisado, a plataformização do ensino de inglês, ao desconsiderar as realidades sociais, territoriais, raciais e afetivas dos estudantes, tende a reforçar desigualdades simbólicas e pedagógicas já existentes.

Os estudantes demonstraram projetos de vida ambiciosos e forte desejo de mobilidade social, associados ao domínio do inglês como capital cultural. Pedro (2 out. 2025) afirmou que *“o inglês é importante para sair daqui, para ter mais oportunidades”*, mas ponderou que *“do jeito que é ensinado na plataforma, parece distante do nosso futuro real”*. Essa tensão evidencia que, embora reconheçam o valor estratégico da língua inglesa, os estudantes percebem limites no modelo pedagógico adotado.

Assim, a experiência analisada confirma que a plataformização do ensino, quando descolada das condições materiais, culturais e simbólicas dos sujeitos, limita o potencial emancipatório da educação pública. A inclusão efetiva exige representatividade, escuta, mediação pedagógica crítica e valorização das trajetórias dos estudantes. Sem isso, como alertam as narrativas discentes, a plataforma tende a operar mais como dispositivo de controle e normalização do que como espaço de aprendizagem.

5 Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo compreender, de forma preliminar, como jovens do Ensino Médio narram suas experiências com a Plataforma *Mais Inglês* MT, no que se refere às percepções de uso, engajamento, pertencimento e representatividade. Ao configurar-se como uma

pesquisa piloto de natureza qualitativa, a investigação buscou explorar sentidos, testar procedimentos metodológicos e identificar categorias analíticas capazes de subsidiar pesquisas futuras.

Os resultados evidenciaram que a experiência dos estudantes com a plataforma é atravessada por sentimentos recorrentes de estranhamento, insegurança, frustração e desmotivação, revelando tensões entre a promessa institucional de inovação, democratização e inclusão e os efeitos concretos da plataformização no cotidiano escolar.

As narrativas analisadas indicaram que a plataforma é percebida como um ambiente que não reconhece os ritmos, os repertórios culturais, os sotaques, as trajetórias educacionais e as condições materiais dos estudantes da escola pública mato-grossense.

A análise permitiu compreender a plataformização do ensino de inglês como um processo que opera nos planos técnico, pedagógico e simbólico. No plano técnico-pedagógico, destacaram-se a rigidez da interface, a ausência de mediações explicativas, o ritmo acelerado e a centralidade das métricas, que reconfiguram o tempo pedagógico segundo uma lógica de performatividade e produção de dados.

No plano simbólico-subjetivo, esses elementos produzem sentimentos de não pertencimento e responsabilização individual, deslocam para os estudantes a culpa por dificuldades que são, em grande medida, estruturais e políticas.

As dificuldades relacionadas às atividades de *listening* e reconhecimento de voz evidenciaram ainda a presença de formas de violência algorítmica e de hierarquização linguística, ao naturalizar um padrão normativo de pronúncia alinhado a modelos anglo-americanos e deslegitimar variações fonéticas e percursos locais de aprendizagem. Esse funcionamento reforçou uma epistemologia linguística colonial, que ignora o caráter pluricêntrico, híbrido e situado do inglês como língua global.

Do ponto de vista cultural e representacional, as narrativas revelaram um currículo digital marcado pelo apagamento de contextos locais, pela padronização cultural global e pela predominância de representações brancas, heteronormativas e de classe média. Esses regimes de visibilidade impactam o engajamento e o vínculo afetivo dos estudantes com a aprendizagem da língua inglesa, uma vez que comprometem o reconhecimento simbólico e a possibilidade de identificação com os conteúdos propostos.

Os dados evidenciaram os limites da lógica gamificada quando orientada por métricas, prazos e recompensas. Longe de produzir engajamento, esses mecanismos tendem a reforçar uma participação performativa, baseada na obrigatoriedade institucional e no cumprimento de tarefas, em detrimento da construção de sentidos, do diálogo e da aprendizagem.

Ao dar centralidade à voz discente, este estudo reforça a compreensão de que a inclusão, no contexto da cultura digital, não pode ser reduzida ao acesso técnico às plataformas. Tratou-se de um princípio político-pedagógico que envolve reconhecimento, pertencimento, mediação humana, diversidade cultural e justiça epistemológica. As narrativas dos jovens indicaram que tecnologias educacionais não são rejeitadas em si, mas questionadas em seus modos de concepção, implementação e governança, sobretudo quando operam por meio de padronizações que invisibilizam identidades e experiências.

Como pesquisa piloto, este estudo apresentou limitações relacionadas ao número de participantes, ao recorte territorial e ao tempo de uso da plataforma analisado. Esses limites, contudo, não diminuem sua relevância, uma vez que os achados oferecem indícios consistentes sobre os efeitos da plataformização do ensino de inglês e apontaram caminhos para investigações futuras. Pesquisas posteriores poderão ampliar o número de participantes, incluir diferentes municípios e níveis de ensino, bem como articular as narrativas discentes às vozes de professores, gestores e formuladores de políticas públicas.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para o debate crítico sobre tecnologias educacionais, políticas de plataformização e ensino de línguas na escola pública brasileira. Ao evidenciar que plataformas não são neutras, mas infraestruturas atravessadas por relações de poder, disputas simbólicas e racionalidades neoliberais, a pesquisa reafirma a necessidade de pensar o digital a partir de perspectivas críticas, contextualizadas e comprometidas com a formação humana, a diversidade e a emancipação dos sujeitos.

Referências

ALVES, Lynn; LOPES, David (Org.). Educação e plataformas digitais: popularizando saberes, potencialidades e controvérsias. Salvador: **EDUFBA**, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/39372>. Acesso em: 21 out. 2025.

BALL, Stephen J. Performatividade, privatização e o pós-Estado do bem-estar. Educação & Sociedade, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379–402, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000200012>.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Language online: investigating digital texts and practices**. 2. ed. London: Routledge, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32043/7/4b44582c-ef3d-4c0a-b8b1-d8d5d1df2762.pdf>. Acesso em: 21 out. 2025.

JURNO, Amanda Chevtchouk; D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Plataformas digitais, dataficação e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

DIAS, Daniela; SOUZA, Elivan Oliveira Gomes de; SOUZA, Joana Batista de. Letramento digital no ensino de língua inglesa: uma análise da Plataforma Mais Inglês MT. In: **Seminário de Educação (SemiEdu)**, 2024. Anais [...]. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2024. DOI: 10.5753/semiedu.2024.32692. Disponível em: [SemiEdu UFMT](#). Acesso em: 11 maio 2026.

FANON, Frantz. **The wretched of the earth**. New York: Grove Press, 2008.hooks (1992; 2019)

FLICK, Uwe. **An introduction to qualitative research**. 7. ed. London: SAGE Publications, 2022.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. **Black looks: race and representation**. Boston: South End Press, 1992.

HOOKS, bell. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom**. New York: Routledge, 2019.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Narrative interviewing**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook**. London: SAGE Publications, 2000. p. 57-74.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

LE MOS, André. Dataficação da vida. Civitas: **Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 193–202, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39315>.

LIEBLICH, Amia; TUVAL-MASHIACH, Rivka; ZILBER, Tamar. **Narrative research: reading, analysis and interpretation**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998.

MACIEL, Cristiano; BEPPU, Flávia. Educação e tecnologia: práticas críticas na cultura digital. Cuiabá: **EdUFMT**, 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica**. 2008. Disponível em: <https://www.veramenezes.com/techist.pdf>. Acesso em: 11 maio 2026.

PRETTO, Nelson de Luca. Educação e cibercultura: aprender e ensinar com as tecnologias da comunicação e informação. Salvador: **EDUFBA**, 2020.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. **A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada**. *The ESPecialist*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 1–14, 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2018v39i3a2>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71–94, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.

SANTOS, Edméa. Docência online e formação de professores na cultura digital. **Revista e-Curriculum**, v. 19, n. 4, p. 1667–1686, 2021.

SANTOS, Leandra I. S.; DONATTI, Romeu. Experiências internacionais e formação docente: contribuições interculturais. **Revista Brasileira de Educação**, 2024.

SCZIP, R. R. **A quem interessa o modelo de educação pública implementado no Paraná por Ratinho Jr?** Artigo publicado no SINTEAL – Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Alagoas, 5 jun. 2024.

SELWYN, Neil. **Education and technology: key issues and debates**. 3. ed. London: Bloomsbury Academic, 2022.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Tecnopolítica e vigilância: os impactos das plataformas na democracia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2020.

TABORELLI, Juliana Faltz; OLIVEIRA, Caroline Pereira de. Programa MAIS INGLÊS MT: apresentação e algumas reflexões. **Polifonia**, Cuiabá, v. 30, n. 57, p. 45-58, 2023. DOI: 10.59917/rpolifonia.v30i57.16907. Disponível em: [Polifonia UFMT](#). Acesso em: 11 maio 2026.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Educação, política e mercado: a lógica das parcerias público-privadas na era digital**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

VAN LEEUWEN, Theo. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; COULTHARD, Malcolm (eds.). **Texts and practices: readings in critical discourse analysis**. London: Routledge, 1996.

WILLIAMSON, Ben. **Education and datafication: governing with numbers**. London: Routledge, 2021.

Data de submissão: 15/02/2026. Data de aprovação: 08/06/2026.